



Anarquia e Espiritualidade

**Uma mensagem na
garrafa**

 **MARGEM**

Gabriel Ribeiro



Diante de uma sociedade completamente pautada pelas vigas da hipocrisia no qual a mesma inflama o ego para ostentar uma carcaça estética que sinaliza “compaixão”, “autoconhecimento”, “solidariedade”, que clama por “liberdade”, é a mesma que implacavelmente age com violência contra aqueles que – por um ato de dignidade e conexão divina – ousam buscar, filosófica e politicamente, potencializar as suas formas de vida. Não adianta falar em equilíbrio nessas horas, porque é só retórica, entra na tal ostentação estética “paz e amor”.

O equilíbrio, aliás, é o que a espiritualidade nos transmite através da consciência. Mas isso só se efetiva pela ação, pela energia que o corpo, de fato, esteja emanando. Há quem contemple as artes, enche a sala de quadros e diz que a desobediência da ordem vigente é um “atentado” contra a sociedade. Modelo de sociedade padrão que gera miséria, guerra, disputas por sobrevivência, escassez de trabalho, etc.

Eu, enquanto ser constituinte desta mesma sociedade que vos menciona, não está imune das contaminações que visam aniquilar sistematicamente as subjetividades dos diversos corpos pertencentes do todo. Uma gota dentro de um oceano. Uma coisa só que é composta pelas partes. Seu organismo celular possui as suas singularidades.

Os Maias com seus calendários pensaram na vida repleta de aspectos cíclicos. Uma linha reta até o infinito necessita de uma estrutura social violenta. Portanto, também, sou atingido por essas agressões físicas, mentais e culturais que esta sociedade capitalista nos impõe.

Com base em minhas vivências e referencias teóricas/literárias, explanarei aqui o quanto que o brio existencial de um corpo violentado – por diversas formas – é uma riqueza singular que o corpo recebeu de presente da natureza espiritual da vida.

Penso a vida como uma grande travessia que requer compreender as importâncias ancestrais, as demandas contemporâneas e, sobretudo, a força que os acontecimentos do presente carregam consigo mesmo. Para quem me acompanha pelas plataformas digitais sabe que a espiritualidade é um fator muito relevante para se cultuar. Cultuo meu Orixá, dialogo com Exu e Preto-Velho; para ficar nesses. E preste muita atenção, por gentileza, quando abordo em meus textos e vídeos publicados, as questões de anarquismo e espiritualidade, não entro na esfera da colonização.

Compreendo cada coisa no seu lugar. Um não é o outro. Entretanto o interesse nas abordagens que faço é de apontar acessos, pontes, pontos de convergências entre as duas formas de ler o mundo. A princípio penso que o que não posso explicar (racionalmente) na espiritualidade, ritualizo e busco a conexão com a minha natureza divina.

E o que não posso tornar, digamos assim, em abstração no anarquismo, observo a prática e a teoria para dar sentido à minha existência enquanto um ser social. De minha singularidade componho um todo. O todo é composto por partículas subjetivas. As coisas são, por vontade política que, ocasiona uma vibração cósmica. A busca pelo poder é um ato que desregula o estabelecimento da ordem, não só social quanto energética.

Conheci o anarquismo nas ruas

Quando aconteceram as Jornadas de 2013 (protestos ocorridos em diversas cidades brasileiras) fui-me apresentado ao anarquismo pela via da prática. Através das ruas do centro do Rio de Janeiro vi muito mais do que as ações diretas – que a grande mídia marginalizava – pude perceber que tais manifestações populares continham um viés de esgotamento do modelo de representatividade. A democracia liberal burguesa estava sendo questionada.

Muito mais do que os vinte centavos.

As instituições entraram em pânico total, não por medo dos pneus queimados e vidraças quebradas de multinacionais, mas por sua estrutura hegemônica estar sendo colocado à mesa, pela massa trabalhadora que ocupara as ruas.

Presenciei coletivos, organizações autônomas e muita espontaneidade por quem estava ali somando nas reivindicações legítimas de um povo saturado de tanto sofrer – poder de compra reduzido, carga de trabalho excessiva, sem saúde de qualidade, educação precária, restrição de alguns saberes, dentre outras injustiças sociais.

Não tem cabimento existir milionário, bilionário, e ter pessoas passando fome, brigando por osso em filas nas portas dos estabelecimentos.

Um empresário que diz que ficou rico com as suas próprias forças, é um grande charlatão. Ele vai nos dizer que começou em uma barraquinha de madeira vendendo as suas mercadorias e que depois

Ele vai nos dizer que começou em uma barraquinha de madeira vendendo as suas mercadorias e que depois

“correu atrás” e montou uma grande empresa. Sim, às custas da exploração da mão de obra que ele enquadrrou graças à noção de propriedade privada na qual permite que o capital compre qualquer pedaço de terra ou o que for.

Ou seja, controla-se o trabalhador pela oferta, pelo tempo e pela escassez. O liberalismo econômico é extremamente dependente da existência do Estado – não importando o governo ser de esquerda ou de direita – a lógica do capital como mecanismo de controle e domesticação da classe trabalhadora, são invenções tecnológicas a serviço da estrutura burguesa oligarca.

Expropria o camponês da terra com a força bruta de quem detém algum tipo de prestígio ou de riqueza, e lá na frente oferece migalhas para quem não tem meios de produção para produzir a sua mercadoria.

Os direitos trabalhistas, a reforma da previdência, por exemplo, foram ações covardes para prejudicar as condições mínimas de vida da massa trabalhadora.

Maria Lucia Fatorelli, dentro de sua experiência como auditora fiscal, detalhou rigorosamente a farsa do discurso hegemônico (a grande mídia e políticos de direita) de que havia um déficit na previdência, pois a receita da mesma não se dá apenas pelas contribuições do trabalhador e do patrão; existem outras fontes de arrecadação.

Impostos sobre produtos importados e compras de jogos lotéricos, são algumas vias que são transferidas para que o Estado cumpra suas responsabilidades previdenciárias.

Tudo isso em nome do acúmulo, do lucro, a qualquer custo. E se você se opõe a esta covardia, é tido como preguiçoso que não gosta de dinheiro.

A quem se reconhece como anarquista ou crítico ferrenho desse sistema capitalista, não pode perder de vista o quanto que as tendências neoliberais estão encurralando cada vez mais as liberdades subjetivas da massa.

É saúde mental sendo deteriorada por conta de pressão de ter um prato de comida na mesa e uma moradia. No local de trabalho o estresse acontece porque o patrão domina o seu funcionário pelo tempo. Muita carga de trabalho para pouca eficiência, quanto mais tempo de atividades, mas cansado e desanimado o funcionário fica.

O burguês que nunca trabalhou, aquele que herdou herança da família ainda vai querer tratar com muita humilhação o trabalhador.

Se você é um artesão, artista, poeta, e que tem dificuldades financeiras, toda a sua dignidade é arranhada pelo padrão de vida burguês.

E a reprodução acontece na própria família, no ciclo de amizade e, até mesmo entre aqueles que se dizem de esquerda.

Muitos com quem tive contato e por algum momento levantavam a bandeira “progressista” – questionando o modelo atual do acúmulo de riqueza, da divisão do trabalho e tudo mais – eram os mesmos que reproduziam o discurso “pequeno-burguês” com julgamentos tão ou mais rígidos pelos quais a classe dominante fazia. Reconheço que a minha existência não está isenta de críticas e contradições. Não tenho problema quanto a isso. Sou um ser social, preciso perceber as impregnações que o senso comum outrora deixou em mim. Todo dia é prudente e honesto a minha percepção compreender e limpar os machismos, as crenças de uma branquitude superior; eliminar inclusive, as manias de um ambiente de classe média – aqui entendido do ponto de vista sociológico – que não leva em conta,

necessariamente o poder aquisitivo, mas o modo de vida padrão entre quem ganha R\$ 2.000,00 e R\$ 100.000,00, por exemplo – que a todo instante, deste a infância até os dias atuais, tenta impor costumes e valores que remam contra a maré que um corpo subjetivo possui.

Durante um período pude experimentar uma vida material com algum tipo de estrutura – roupa passada, comida na mesa, brinquedos, possibilidades de cursos, de fazer bastante coisas graças ao dinheiro suado de meu pai e minha mãe.

Acredito que tenham me educado com as melhores das intenções. Se tenho alguma crítica, é saudável que eu compreenda o contexto e a história que meus pais estiveram e estavam inseridos.

Para depois, ainda sim, eu poder fazer o que for preciso de diferente, não por causa de uma superioridade moral - estou longe disso - mas por uma questão de experiências e descobertas que me fizeram sentir a vida por um outro prisma.

Quando penso em sistema capitalista, refere-se a toda estrutura social enraizada pelos quatro cantos do país. É desde a relação do dono do meio de produção com o empregado, a existência estatal para proteger as produções e circulação das mercadorias; os mecanismos de controle – tribunal, leis, tecnologias de segurança, política “antidrogas” – propaganda midiática de uma agenda meramente liberal, estímulos de padrão de vida, consumo, entretenimento, marginalização do que é público, etc., todos estes fatores somados com a escassez de alimentos, conhecimentos e de tempo, para a massa que tem que superar diariamente as

dificuldades; tudo isso e mais um pouco, compreendo como vontades políticas que foram criadas ou apropriadas pelo Estado em conluio com a grande burguesia.

Já escutei de muitos e muitas camaradas para que se tenha cuidado com o sentimento de “ressentimento”. Sem a influência dicotômica, creio que nessas horas seja prudente ponderar questões como esta, pois de qual pressuposto se dá tal afirmação?

É um pequeno-burguês frustrado que não consegue ter o mesmo prestígio e poder de compra de um super rico e por conivência se apropria de pautas da massa trabalhadora e questiona o magnata ter um carrão e ele não ou, se tal afirmação vem através de observações empíricas, articulações ou algum outro tipo de despertar, por conta de qualquer trabalhador ou trabalhadora, é razoável e legítimo colocar que, a princípio, o mais importante seja não tornar relevante

algum aspecto de ressentimento (na reivindicação), e se colocar no lugar daquele que está sofrendo todos os dias, dando um duro danado no trabalho, para que a sua vida tenha as condições dignas realizadas.

Como bem diz Errico Malatesta em *Entre Camponeses: os recursos naturais*, nenhum deles foi criado por ser humano algum; são riquezas naturais que já estavam aqui na terra, então como que depois podemos encontrar na sociedade “donos”, “proprietários” ou monarquistas?

Malatesta a partir dessa visão estimulava bastante o engajamento entre os pequenos agricultores, uma espécie de formação política mesmo – não a partidária, que nada transforma, só reforma.

Cabe salientar aqui que ainda sobre as Jornadas de 2013 além das observações que mencionei anteriormente; as ruas durante esse período, também tinha “de tudo” – classe média, gente “perdida”, se divertindo, enfim, lembro-me que na Av. Presidente Vargas até à Av. Rio Branco, as duas principais do centro do Rio, tinham vários pequenos grupos de médicos, bombeiros, trabalhadores de várias categorias, tecendo as suas reivindicações, sejam por melhorias de condições de trabalho ou por manutenção de privilégios.

“Anarquizando” empiricamente

Se é pela rua que sou apresentado a um recorte do que era a anarquia, foi pela rua e de forma autodidata, que fui criando as minhas táticas e articulações que, em dado momento, fossem fazendo com que meu corpo buscasse a ruptura de uma heteronormatividade ou algum tipo de autoritarismo

Preciso contar um pouco que antes de 2013, uns cinco anos anteriores, o curso de Publicidade e Propaganda era uma realidade para mim, queria de fato ser publicitário e ganhar dinheiro nesse ramo. Quando comecei a ter acessos aos filósofos, com seus questionamentos, passei a questionar minimamente a ética que as propagandas deixavam de ter nas suas mensagens: compre aquilo e seja feliz! – e conforme as verdades iam aparecendo para a minha natureza corporal, via que o Conselho de fiscalização das propagandas eram inócuas, para enganar a sociedade.

Portanto comecei a investigar mais sobre esta estrutura hegemônica social, pautada nos meios de produção e no consumo em massa. Afinal, as grandes empresas precisavam lucrar absurdamente.

Minha caminhada, autodidatismo e rebeldia

Dentro de um contexto pelo qual eu já soubesse que as coisas eram por conta de uma vontade política dos mais ricos e, por ter presenciado os protestos no Rio de Janeiro em 2013, as circunstâncias que a vida me apresentava eram a de “correr atrás” para ter moradia, alimentação e o básico para acessar os espaços culturais e artísticos da cidade.

Diferente de muitos companheiros militantes que tiveram uma formação acadêmica e/ou em coletivos, as minhas experiências foram se dando com as forças de Exu que fazia-me percorrer pelas ruas cariocas, encontrar manifestações de professores, estudantes e muito mais.

Não fui estimulado a participar de alguma organização ou de um grupo de estudo, entretanto, foram me convidando para participar de ambientes como esses. Sem eu estar vinculado a nenhuma organização, frequentei debates, aulas de cursos sobre história, fotografia, onde tinha eventos desse tipo acontecendo e o convite me aparecia, procurava estar presente.

Lembro com toda franqueza que por essas andanças pelo Rio de Janeiro, o anarquismo que habitava em mim era pela percepção empírica.

Estou com o Mikhail Bakunin quando ele dizia que nossas posições não se dão pela via natural e sim por conta das relações sociais; portanto, entro nessa mesma frequência para dizer que não nasci rebelde.

O apreço em desobedecer medidas autoritárias foi se dando de acordo com as experiências que ia tendo durante as relações.

Nem mesmo a autoridade absoluta de meu pai era admissível. Sou daqueles que questiona o poder aquisitivo ser um fator hierárquico (absoluto) na nossa sociedade. Com essa conduta paguei o preço, a minha morada ficou com os dias contados.

Em diversos meios sociais sofri consequências por não abrir mão do meu ponto de vista. Chega de ficarmos fingindo que não estamos vendo os problemas sociais – que também inclui a nossa própria relação familiar, na vizinhança e no ciclo de amizade.

Como aprendi no movimento punk: omissão perante uma mentira é covardia, um anarcopunk está pela ruptura dessa estrutura violenta e hipócrita. – É dessa premissa que meu corpo foi se constituindo.

Onde tinha manifestação ou agito em favor de alguma minoria, me interessava estar presente. Ainda no Rio de Janeiro embora um anarquista autodidata, sem engajamento, as ideias marxistas faziam parte da minha formação. Livros de diversos autores, alguns marxistas ou próximos dessa visão de mundo, influenciavam o meu intelecto.

Mas sempre que me chamavam para participar de uma assembleia partidária, recusava o convite. Honesto ressaltar: nunca por uma via moral e sim por aptidão. Dizia que queria ter a liberdade de pensar o mundo. Sabia que isso no meio partidário é mais difícil que encontrar um oásis no deserto.

Significa dizer que desprezo "cabeças pensantes" de alguns quadros políticos? Não. Só que a história demonstra que pela via da democracia burguesa liberal, as transformações sociais não irão acontecer

Para citar o fascismo e o nazismo, por exemplo, situações extremas de frustrados nos quais criaram um “inimigo” para alimentarem suas crenças bizarras. A inércia por parte dos parlamentares fizeram com que Hitler e Mussolini ganhassem apoio dos grandes oligarcas – que iam patrocinando esse projeto político de destruição – do diálogo, da ciência, da diversidade.

Ainda sobre o meu processo dentro da anarquia, durante a pandemia resolvi me engajar diante das diversas teorias, debates, referências; para a disseminação dessa filosofia política no intuito de mostrar para uma parcela da sociedade que muito do que ela aplica no seu cotidiano, seja anarquia.

E a partir desta reflexão poder compreender que pela autonomia dos bairros, das comunas, temos mais condições de resolver os problemas sociais.

Decidi criar o Canal À Margem na internet para propor olhares descentralizados da sociedade. Para mim é como se fosse uma extensão ou transição do meu ser fotógrafo – no qual produzi projetos fotográficos com os professores, quilombolas, vendedores ambulantes e de casas abandonadas – para a área da comunicação.

No programa Bate-Papo À Margem no qual faço com convidados, convidadas e convidades, abro espaço para outras correntes de pensamento que também se disponham a questionar o discurso hegemônico. A burguesia expandiu a lógica feudal para criar o Estado – uma tecnologia política que se utiliza da força, quando necessário, para coibir qualquer articulação que questione o modelo político vigente.

A partir do medo aristocrata, criam-se tribunais, polícias, imprensa, instituições de domesticações e propagandas, para frear rigorosamente os avanços sociais e políticos por parte da massa dos trabalhadores.

Estamos sendo encurralados pelo capital e os fascistas que o defendem como se fosse um Deus.

Quando digo em “democracia burguesa” é por conta do que citei anteriormente. Uma estrutura social montada para ser hostil e violenta a tudo que seja crítico ao capitalismo.

Michel Foucault em *Microfísica do Poder* já pontuava que o projeto burguês é tão sofisticado que eles não precisam mais gastar tanto dinheiro com mecanismos de controle porque a imprensa acaba fazendo uma propaganda da ordem vigente muito bem feita, gerando assim na população seus próprios “soldados do sistema”.

A fiscalização vem do seio familiar, escolar e do trabalho. Além disso, o filósofo francês explanou que a criação da polícia não era de trazer segurança para a sociedade, e sim para reprimir movimentos “estranhos”

dos trabalhadores que iam descobrindo que parte dos seus sofrimentos eram resultados de vontades políticas dos “mais poderosos”.

Para Foucault se a paz de fato existisse, sem assaltos, não faria sentido o surgimento da polícia. Imagina para os donos dos meios de produção, viver em uma sociedade sem a força policial? As lojas de diamantes e joias tem seguros. Elas não levam prejuízos quando são roubadas.

Tudo é calculado para que o acúmulo aconteça sem problemas.

Daniel Guérin em “Fascismo e grande capital” esmiuçou com nitidez o quanto que este regime autoritário nasce no meio de uma classe média frustrada, que não consegue obter os mesmos ganhos que os mais ricos possuem. E por isso vão se articulando da maneira mais sorrateira e antiética. Para validar as suas sandices

começam a disputar cadeiras no parlamento. O grande capital compreende que patrocinar tais pautas é sobretudo defender a estrutura que gera lucros exorbitantes para seus negócios. Por quê menciono isto aqui? Porque o fascismo e o nazismo precisam ser combatidos em suas raízes.

E não será pelo congresso que isso acontecerá. As ruas estão aí para que as disputas aconteçam.

As lutas anarquistas e de toda massa trabalhadora que se deram nas ruas, como a Greve Geral de 1917 em São Paulo, a Comuna de Paris (1871), as derrubadas das ditaduras, dentre outros fenômenos populares – foram fundamentais para que algo fosse mudado. Não como se deveria, mas as ações ocorreram de baixo para cima.

Os zapatistas no México produziram uma revolução indígena, camponesa, comunitária, para frear os avanços da especulação financeira que estava de olho nas riquezas naturais da região de Chiapas. Trago para este recorte que faço nesse momento do texto, o que Lorenzo Kom 'boa Ervin em "Anarquismo e Revolução Negra", basicamente deixou nessa obra literária: está na hora dos bairros de populações negras se organizarem e mobilizarem a sua autodefesa e mais do que isso, administrarem as suas próprias formas de moradia, economia, cultura, etc.

Sendo os negros norte-americanos aqueles que mais sofrem assassinatos, mortes por falta de saúde, de alimentação, nada mais justo do que os mesmos se organizarem e viverem buscando as suas dignidades.

A espiritualidade não condena, ela me potencializa.

Posso começar a dizer o que compreendo por espiritualidade. De antemão sinto que não é uma ciência exata, muito embora ela seja uma leitura de mundo bastante sofisticada. Ora, então ela produz ciência também! Não exata, creio eu. Por quê que cultivar a espiritualidade é algo que considero indispensável para que um corpo consiga atingir a sua plenitude.

Entendo como plenitude aquilo que a consciência consegue absorver para a existência. Estou falando do propósito, aquilo que sai de dentro do núcleo central do corpo. Como bem diz a companheira Lua Cosmo, Psicoterapeuta: enquanto o seu trabalho estiver sentido para você, não desista desse propósito.

No que compreendo da afirmação de Lua, significa dizer que não importa o que vão falar do resultado do seu trabalho, se está dando “caminhão de dinheiro” ou se a crítica está aprovando ou não. Faça o que a sua intuição lhe dispõe. Deixa tudo aquilo que o corpo se constitui – livros, diálogos, filmes, músicas, afetos e, os fenômenos espirituais, alimentarem a intuição.

Os povos originários assim como os povos negros são grande referência para mim quando penso em cultuar os saberes espirituais. As etnias indígenas reverenciam os seus ancestrais como respeito por aqueles que construíram um legado cultural e lutaram por seus semelhantes. Nem por isso eles deixavam de se mexer. A construção era comunitária e espiritual. Não se pode esquecer aqueles que morreram sofrendo protegendo as vidas dos seus.

O mestre Joelson, da Teia dos Povos cita uma frase maravilhosa: nós somos matéria, aquilo que materialmente não conseguimos dar a conta, a espiritualidade nos permite ficarmos de pé.

A minha relação com os saberes de matriz afro-brasileira e indígena; os jogos de búzios e as entidades (espirituais) vão dizer que ela começou desde que nasci. Conscientemente comecei a perceber tal relação quando comecei a frequentar terreiros de Umbanda e depois, de Candomblé. Um mundo se abriu, pude enxergar muito mais coisas do que via antes. As reflexões passaram a pipocar no espelho da verdade que meu corpo não podia ignorar.

Por mais que eu nunca tenha me sentido a vontade para iniciar em algum terreiro – não por desconfiança dos saberes e sim pelo incomodo com as vaidades e posições políticas das pessoas – posteriormente a

maturidade vai mostrando que todos nós somos passíveis a erros, deslizos e limitações. Com o erro a possibilidade do aprendizado pode acontecer.

Ainda morando no Rio de Janeiro tive os primeiros contatos com os Pretos-Velhos e os atabaques. O corpo vibra, não explica, é o axé defumando o corpo, revigorando o que precisa ser rejuvenescido. Para se ter uma ideia, nesse exato momento sinto um aroma muito perfumado. É o povo de rua abrindo o caminho. Laroyê, Orixá Exu! Falando nele, a cultura de matriz africana diz que nada é feito sem o Orixá Exu.

Aqui a figura de Exu representa movimento, expansão, comunicação, articulação, negociação e a materialização do conhecimento que o ser humano produz.

Lembra do início desse texto; sou um homem formado pelas ruas do Rio de Janeiro. Por muito tempo a indisciplina tomou conta de algumas ações minhas.

A vida na rua é um laboratório muito didático, com as suas próprias regras. Um erro pode ser fatal, mas quando o exu guardião lhe acompanha, ele te joga para a mata, para a cidade interiorana. A partir dessa situação vou descobrindo a mediunidade que carrego comigo.

Não é escolha minha.

Sou o escolhido. Aprendi a reverenciar Exu Marabô e Exu Tranca Rua. Laroyê! Escrevo com muita emoção. O primeiro abre os meus caminhos. O segundo me protege pelas ruas. Certa vez “arriei” (oferecer comida a Exu) para Seu Tranca Rua em uma estrada. No exato momento surge um carro da PRF (Polícia Rodoviária Federal) para saber o porque do carro estar parado ali no acostamento.

Disse aos policiais que estava fazendo um trabalho espiritual. Foram embora. Realizei a minha comunicação com Exu Tranca Rua e segui o meu caminho. O Estado não me protege, não me ampara. Exu aponta a direção.

Exu é saber filosófico. Na encruzilhada não se vê problema – como o senso comum acredita – nela, Exu sugere encontros com as diferenças, possibilidades, diálogos, potência de vida. Nunca, em nenhum espaço, algum sacerdote ou entidade, pediu para eu recuar na militância social. Pelo contrário, após as consultas com os oráculos e as entidades, me sentia forte, potente, para seguir em frente. A orientação era para seguir até um conceito filosoficamente material: o da vontade de potência. Buscar estar nos espaços que estejam discutindo aquilo que tenho interesse.

As pontes, os acessos e as convergências.

Como já foi falado. Anarquia é uma coisa e a espiritualidade é outra. Vou colocar as minhas percepções do que considero dialogar entre um e o outro. Um dos pilares da anarquia – fazendo um punhado geral – é a solidariedade, a ajuda mútua, a construção coletiva, sem verdades absolutas e a refutação de qualquer autoritarismo.

Essas concepções básicas dos anarquismos foram sendo constituídas através de muitas experiências e observações. Da prática se criou a teoria. Ficou-se compreendido que para uma sociedade ser de fato ser construída, respeitando as demandas de um todo e com a participação dos envolvidos, as articulações entre a massa trabalhadora, seria algo indispensável para tal construção coletiva em busca de melhorias de vidas.

Alexandre Samis, Historiador, em “Negras Tormentas: o Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris”, com muita habilidade e conhecimento, detalha como que a massa trabalhadora, cansada dos representantes parlamentares serem submissos aos interesses dos mais poderosos, resolveram criar, depois de inúmeros congressos e assembleias, a Comuna de Paris, uma revolução para defender a classe trabalhadora dos ataques prussianos – que tinham a conivência da aristocracia e burguesia francesa – além da inércia do parlamento francês, republicano e da esquerda partidária.

Tantos os homens quanto as mulheres tiveram papéis fundamentais na construção desse marco histórico.

Cada bairro começou a ter o seu delegado (não na visão tirânica e sim na de servir aos seus), que se encontravam em Comitês ou Assembleias em Paris, para discutir demandas gerais e as de cada localidade.

Questões militares, econômica, educacional, dos direitos das mulheres, dentre outras, foram amplamente discutidas e decididas através das assembleias e participação da massa trabalhadora. Não houve centralização nas tomadas de decisões.

A Comuna de Paris não esteve isenta de dificuldades, tensionamentos, divergências e boicote, mas sobretudo, se organizou buscando a ética e a potência de toda a massa trabalhadora, para solucionar as demandas sociais. Sem mediação de um grupo detentor de uma autoridade absoluta. Os monarquistas e um parcela da burguesia fizeram de tudo para frear os avanços revolucionários.

As mulheres não hesitaram em fazer parte das estratégias e suportes que o bloco de autodefesa precisou construir para defender os interesses da massa trabalhadora.

Os anarquistas estão em busca da prosperidade coletiva. Que os “de baixo” possam ser responsáveis em solucionar os problemas sociais, dos quais toda a massa trabalhadora é protagonista. Na anarquia o corpo é considerado um instrumento muito importante para transformar o mundo. A solidariedade é uma concepção indispensável.

Enquanto estiver pessoas em vulnerabilidade, a luta, a ajuda mútua, não podem cessar. Bakunin já dava o papo resposta: a minha liberdade só é possível enquanto todos tiverem a mesma condição de liberdade.

A generosidade para o anarquismo se dá quando seus militantes compreendem que uma transformação social só é possível com a participação efetiva de todos os que se encontram em algum tipo de vulnerabilidade, dificuldade e sofrimento.

No que compreendo desta filosofia política chamada de anarquia, a quebra de qualquer hierarquização absoluta – inclusive a intelectual – é inegociável para que as dignidades da massa trabalhadora sejam minimamente praticadas.

Da espiritualidade que a minha consciência vai se constituindo, percebo o quanto esta leitura de mundo tem pontes e acessos que se ligam ao anarquismo. Quando ouço um “ponto de macumba” para Preto-Velho pelo qual chama “Um grito de liberdade”, logo associo as lutas dos escravos em romper as correntes

correntes que os aprisionavam, com as demandas dos trabalhadores que estavam nas fábricas dos centros urbanos.

A própria noção de “macumba” tão marginalizada pelos colonizadores, carrega uma simbologia heterogênea. Sugere um punhado rico de significados e visões de mundo. Peço licença ao malungo, Luiz Antônio Simas, Historiador e Pesquisador das culturas populares, sobretudo das diásporas, para trazer um pouco da sua definição diante do termo em questão,

“Macumba é instrumento, não se discute isso, mas designa também um conjunto de rituais religiosos resultantes do amálgama tenso e intenso de ritos de ancestralidade dos bantos centro-africanos, calundus, pajelanças, catimbós, encantarias, cabocladas, culto aos orixás iorubanos, arrebatamentos do cristianismo popular, espiritismos e afins”, conclui o Professor.

O debate não se encerra por aí -

Existem outras leituras possíveis.

A matriz africana, assim como a ameríndia, estão o tempo todo cultuando as multiplicidades, as diferenças; ressignificam as imposições das estruturas de poder. Sobre o ponto de macumba que citei acima, uma parte da letra fala que não existe mais “chibata nem senhor”. Isso, por um prisma da “ponte”, do acesso, creio que se converge com o que os anarquismos (que também “heterogeneamente” falando, reverenciam as diversidades e características locais).

Aqui no Brasil tem anarquistas que inclusive, reconhecem que o anarquismo brasileiro precisa urgentemente se “aquilombar”. As diásporas africanas no cruzo com os povos indígenas, trouxeram para as suas culturas, rituais com os ancestrais que ao som dos atabaques, estão o tempo todo falando em subverter as imposições heteronormativas – de qualquer natureza.

Dentro do meu autodidatismo, por ora, não quero alargar tanto os objetos mencionados nesse texto. Entretanto, volto a ressaltar, anarquismo e os rituais espirituais – que engloba o culto aos Orixás (legado do povo Iorubá, do continente africano), aos povos de rua (Exus e Pombogiras), aos caboclos, etc. – tem as suas diferenças e os seus propósitos distintos, não obstante, acredito nas convergências que ambas visões de mundo carregam consigo.

O anarquista Lima Barreto, Escritor, Jornalista e intelectual brasileiro, em “Recordações do escrivão Isaías Caminha” aponta os autoritarismos presentes na nossa sociedade, produzidas pelos próprios militares e reproduzidos por parte de uma classe média racista e submissa aos interesses dos “mais poderosos” Arrisco a me dizer que Lima Barreto denunciara toda essa estrutura de poder, impregnada em vários espaços sociais.

As redações dos jornais então... era um território hostil para um negro. Jogando um dendê para esta mensagem na garrafa, não posso deixar de citar o Orixá que me rege, Xangô! Considerado Rei da cidade de Oyo, na Nigéria; a própria noção de majestade que esta divindade africana pode nos oferecer, é que a figura do rei nos cultos aos Orixás pode ser percebida não como um rei que precisa ser servido.

Mas o arquétipo que o cultua, precisa compreender que as vibrações deste Orixá Xangô, o Rei, estão disponíveis para serem canalizadas e servir à toda comunidade. Nessa visão o rei existe para servir e não ser servido. A própria noção de justiça que Xangô traz consigo não é a mesma que nós habitualmente acostumamos a ver: a punitivista. A do Deus Xangô fala em estabelecimento da ordem.

Que todas as peças possam estar em seus devidos lugares, funcionando entre si.

Para o anarquismo, a ordem também é um fator importante para se pensar a organização social. E para os anarquistas, bagunça é quando se impõe forças centralizadoras que mais querem ser servidas como um rei (tirano) do que atender as demandas da população.

Teria muito mais elementos para trazer aqui. Prefiro organizar em um outro texto. Por ora, acredito que esta mensagem na garrafa, esteja bem posicionada na beira da praia, do rio ou da calçada, para que os leitores possam se apropriar do que foi escrito aqui. Procurei trazer proposições com base nas minhas vivências e referências teóricas, das fontes que meu corpo e percepção existencial vem se alimentando ao longo de todo o tempo.

Não quero de forma alguma criar ou estimular uma instituição que fale exaustivamente das proximidades do que a espiritualidade e a anarquia, oferecem em suas leituras. Como não acredito em imposições.

Não quero que na minha rua, no bairro, todos sejam anarquistas. A transformação social não será feita só por anarquistas. Isso se dá através de uma ampla articulação e construção social.

Assim como não quero impor a todos umbandistas, candomblecistas ou cultivadores espirituais, que concordem ou reconheça as pontes e acessos que explanei nesse conjunto de ideia.

Apenas, assumo a responsabilidade, com respeito, alegria e sobretudo, a coragem de expor para um público amplo, os discursos que estavam presos dentro de mim.

Entretanto considero relevante prestar atenção nas pontes que me refiro, para gerar reflexões que auxiliem na compreensão de que somos partes de um grande todo. O todo, este, composto por suas células singulares. A conexão energética que a espiritualidade tanto me ensina, é também a que dialoga com o que compreendo do internacionalismo – conceito tão precioso para os anarquistas. A massa trabalhadora tem as suas demandas locais, de acordo com as características de cada cultura e região (Emma Goldman, ativista e escritora anarquista). Só que um grande canal de comunicação entre os diversos trabalhadores espalhados pelo mundo, cria-se uma espécie de intercâmbio. As trocas são para aprender e ensinar. Uma corrente internacionalista.

Axé e anarquia!

Meus agradecimentos:

Gostaria de reconhecer e agradecer a parceria que tive nessa inédita experiência de vida – escrever um livro – e ter a minha companheira Flavia Pires por perto, dando não só suportes técnicos e artísticos, mas sobretudo passando as suas energias do amor e também ajudando-me a pensar a vida e a construção do “Anarquia e Espiritualidade: uma mensagem na garrafa”.

Deixo também a minha total gratidão aos companheiros e companheiras que ao longo da existência do Canal À Margem, estabeleceram uma relação de muita troca e enriquecimentos – afetivos e intelectuais. Sem estar em ordem alfabética e de importância, segue, os nomes: Lua Cosmo (Psicoterapeuta), Luis G (Rapper), Alexandre Samis (Historiador), Amir El Hakim (Geografia), Charles Almeida (Filosofia), João Romero (Artesão), Pietro (Boletim Operário), Yuri Bastos (Ciências Sociais), Lady Red (Ciências Sociais e artista), Grupo de Estudo Soma (GESOMA), Erahsto Felício (Teia dos Povos), Sérgio Ricardo (Historiador e Ambientalista), Mônica (Cigana e Linguística),

*Luciana Nabuco (Escritora e Pintora), Cassio
Brancaleone (Sociólogo), Filipe Siles
(Musicologia), Rose MacFergus (Artista), Paula
Manadevi (Sexóloga tântrica e sistêmica), Lilian de
Jesus (Movimento Negro), Yordanna Lara
(Historiadora), Geraldine Almeida (Radialista e
Vocalista), Rosa Paranhos (Arte Educadora), Rose
Barbosa (Quilombola e Técnica em Enfermagem),
Rafane Paixão (Historiadora), Frente Anarquista
da Periferia (FAP), Anarcovila e todos aqueles que
participaram do programa Bate-Papo À Margem e
de alguma forma interagiram comigo pelas redes
sociais.*

*Gabriel Ribeiro
À Margem*

*Filho de Xangô, fotógrafo, autodidata, anarquista,
comunicador e artista. Axé!*

*Produção: À Margem
Ilustração da capa: Flavia Pires*